

FAMÍLIA, ESCOLA PARA A VIDA?

escrito por cafecomdeus | 25 de março de 2021

Por Bosco Esmeraldo

Nos tempos bem antigos, havia o costume de escravizar os povos conquistados. Era algo bastante constrangedor. A primeira coisa que faziam era destruir sua cultura, a começar pela língua materna. Era-lhe imposto o aprendizado da língua do conquistador. Tudo o que o ligasse ao passado era mister que fosse destruído a fim de tornar esse povo aculturado, sem vínculo com o reino de origem. Valia tudo: religião, língua, costumes, nação, principado etc. Um povo sem cultura, sem referencial sem sonhos é facilmente conquistado e dominado.

As princesas virgens eram tomadas para concubinas reais, enquanto que os príncipes eram castrados e direcionados para uma casa especial onde ficavam sob a direção do chefe dos eunucos, também castrado. Esses tais teriam a honra e o privilégio de servir diretamente na presença no seu novo rei. Particularmente não vejo nisso honra, muito menos privilégio.

Por trás dessa prática, estava uma segurança para o conquistador: encerravam-se as dinastias dos conquistados, dando, pelo menos nesse modo de ver, a garantia de que não haveria qualquer insurreição. Aquele povo perdia a sua liberdade, tornando-se escravo, tutelado. Esse era um costume bem comum, na antiguidade, como entre os assírios, caldeus e os romanos. Alexandre Magno foi um grande conquistador, mas tinha uma postura bem diferente. Eu diria que ele se utilizava de uma administração autóctone, visto que aproveitava os recursos humanos do próprio povo conquistado. Em vez de destruir a cultura do povo em conquista, a preservava, além de difundir a sua cultura (helênica). Também aproveitava o que havia de melhor entre aquele povo e o colocava em cargo de destaque. Mas os rebeldes, eram castigados com rigor se não demonstrassem qualquer possibilidade de mudança positiva.

Porfiam até ser mortos para exemplo dos demais.

Encontramos aqui uma tênue linha de comparação com nossa vida e suas fases. O nosso presente é o resultado da condução familiar dos primeiros anos de nossas vidas e isto refletirá nas demais fases.

Como nos exemplos de conquistadores, há pelo menos quatro tipos de pais: presente ativo, presente omissivo, ausente participativo e ausente total. Dos pais presentes podemos ainda encontrar o construtor e o castrador / demolidor.

Da infância à adolescência, a criança está desenvolvendo o seu caráter e personalidade. Dependendo do estímulo recebido no seio familiar, esta será um cidadão (ou cidadã) maduro ou defectivo. Esta é fase do aprendizado. É a fase da moldagem. Enquanto a massa está mole, se amolda a qualquer forma, a depender do molde. Ainda há tempo de mudar para a forma desejada.

Os pais devem agir com amor, equilíbrio e determinação. Têm de ser empáticos, equânimes e coerentes. Também devem agir em consenso mútuo, numa só direção. Divergência nas resoluções paternas causarão danos irreparáveis no caráter e personalidade dos filhos. De igual modo, a falta de respeito entre os cônjuges resultará em filhos desequilibrados e sem perspectivas ou objetivos. Serão "eternos" tutelado sem independência.

. Na fase adulta, dificilmente uma pessoa com essa deformação personalística será bem-sucedida. As chances são mínimas, mas ainda bem que há a menor possibilidade de mudança. Observamos que alguém de bom caráter pode se corromper a depender da companhia e má influência. Sabemos que as más conversações corrompem os bons costumes. Se é possível desviar-se do bem, creio que, de igual modo, é possível restaurar indivíduo de má índole. Basta que este reconheça o seu estado defectivo e queira que a mudança certamente virá, bastando, para isso, afincos e perseverança. Infelizmente, a lei do menor esforço geralmente prevalece ante qualquer mudança.

. Na maturidade, como já exposto acima, podemos nos reciclar e ter mudanças significativas. É preciso, no entanto, vencer a inércia e perseverar até alcançar o objetivo desejado. Dizem que a inércia é vencida após vinte e um dias de perseverança. Aposte nisso!

. A senilidade ou envelhecimento, costumo compará-la à fase da colheita. A qualidade de vida nessa etapa depende, e muito, de como vivemos as duas primeiras. Postura, qualidade da alimentação, exercícios nas fases da infância à maturidade são fatores fundamentais que determinarão a qualidade de vida na terceira idade.

Na verdade, só colhemos o que plantamos e isto em quantidade bem maior do que plantamos.

Por fim, um outro reino diferente de todos os demais. Um reino onde o Sumo Pontífice ama até os seus inimigos de tal forma que não hesitou sacrificar seu único Filho, para resgatar a todo aquele que aceitar o seu plano de libertação. Um plano totalmente contrário à lógica humana: para ser liberto precisa se tornar seu escravo; para receber primeiro deve saber dar e para receber perdão, antes precisa aprender a perdoar, perder para ganhar, e, pasmem, morrer para poder viver. Para isso alcançar, crer para ver e confiar cegamente no Todo Poderoso. Minha mente lógica, calculista cansou de procurar uma razão para isto, mas nada entendeu, porque isto é uma questão básica de fé. Fé que só alcançamos pelo ouvir, e ouvir pela Palavra, o Rhema de Deus. Agora sim. De posse dessa fé, dom sobrenatural, entendemos e excedemos o nosso entendimento.

. De qual tipo de reino temos vindo?

. Que tipo de reino nos tem conquistado?

. Temos repetido as mesmas práticas familiares ou temos procurado mudanças para melhor?

. Lembremos que nossas opções determinam nossa tomada de decisão.

” Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu único Filho para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna “.

A Angústia e a Teologia da Morte

escrito por cafecomdeus | 25 de março de 2021

Em algum lugar no tempo situado nos últimos 4 anos, tive um sonho que iria denunciar ao “ego” a necessidade e o dever emergente de morrer. Em tal sonho, fui transportado para um desmundo, um vazio cujos horizontes em todas as suas dimensões eram nada mais nada menos que um imenso branco sem fim. Todo aquele vazio era interrompido em minha frente por uma enorme porta de pedra, semelhante em textura e tipo, a Pedra de Roseta encontrado pelos arqueólogos do antigo Egito, e nesta porta estaria esculpida em seu centro a Árvore da Vida encontrada em produções literárias cabalísticas, muito parecida com uma situação de um velho desenho que assistia na TV em minha não tão distante infância. Por mais parecido que fosse, existia ali uma diferença crucial, além da grande porta existia um porteiro vestindo um terno roxo, que imediatamente o reconheci como um anjo, guardião do portão que ocultava o segredo da vida, a essência de Deus ou a Verdade (com V maiúsculo), ou até “emet” (אמת) como talvez diria alguns rabinos por aí.

Ao contrário do que o leitor possa pensar, naquele momento não produzi qualquer comportamento de reverência ao sublime que estava experienciando, e sim o completo oposto. Eu estava completamente possuído por uma conduta de arrogância e

insolência, tão típicos da adolescência. Por um segundo, me via de igual para igual com Deus, capaz de olhá-lo olho no olho e exigir um acerto de contas diante daquilo que era “meu por direito” nesta vida tão “injusta”. Caminhei até o porteiro e contei-lhe que sabia que por trás daquela porta estava Deus e que eu iria atravessá-la para tirar satisfação com ele. Não é de surpreender que a reação do anjo fosse de uma risada sarcástica e que sua resposta fosse:

– Você tem certeza que quer atravessar essa porta agindo dessa forma? Você tem certeza disso? – afirmou rindo.

– Sim, tenho certeza! – exclamei com toda a arrogância e insolência características.

– Pois bem! – disse o anjo ao estender a mão apontando em direção a porta com muita seriedade ao mesmo tempo que com um ar de um sarcasmo sereno e uma certa delicadeza.

Dessa forma, caminhei até a porta, coloquei minhas mãos no centro e a puxei lentamente fazendo surgir uma fresta, me permitindo olhar por um instante para o que havia ali dentro e nesse mesmo instante fui jogado ao abismo, às trevas tão profundas que eram capazes de fazer meu corpo inteiro paralisar de extrema angústia e medo, caindo continuamente do alto que estava, de volta ao corpo manifesto nesta criação divina. Certamente, creio que Deus Misericordiosíssimo ao lançar-me naquele abismo, ao não permitir que vislumbrasse ou talvez lembrasse o que estava oculto por trás daquela porta, estava realizando um grande ato de Amor e Clemência sem igual.

Passou-se o tempo, e ano após ano o segredo daquele sonho foi, através de muito sofrimento, revelado pouco a pouco e o véu que ocultava seu sentido desfazendo-se. A revelação era a morte e aquele menino arrogante deveria morrer. Aliás, o que é a religião de Deus senão a religião da vida, da morte e da ressurreição? Como poderíamos ressuscitar sem antes sermos reduzidos às cinzas? É dito na quarta-feira de cinzas “*pulvis es*”.

Em um passado distante houve um homem que trocou de nome três vezes: Seu primeiro nome foi Saulo, um garoto violento e arrogante; após ver algo extraordinário ficou cego, e após três dias voltou a ver e seu nome foi mudado para Paulo, que significa “pequeno” e “humilde”; e logo esse pequeno e humilde morreu mas continuou andando. Morreu pois obedeceu ao chamado de Cristo “(...) Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me” – (Lucas 9:23). Àquele Paulo respondeu ao chamado com a morte, e disse: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. (...)” (Gálatas 2:20). Pobre do homem que enxerga nesta passagem apenas uma simples figura linguagem ignorando seu caráter efetivo como uma ruptura de nível espiritualmente transformadora e real.

Há dois em nós, um que deve morrer e outro que é imortal. Um é o “eu exterior” ou “ego”, particular, condicionado pelas circunstâncias, angustiado e temeroso por sua mortalidade, mas que deve morrer, pois *pulvis es et in pulverem reverteris*, o outro, o “Eu interior”, espiritual, imortal e incondicionado. Chama o Senhor, “negue-se a si mesmo”, portanto, chama o Senhor à morte o eu mortal para que sobrevenha o imortal, chama o Senhor à morte àquilo que chamamos em nós de Pessoa ou Persona (Máscara) para que o verdadeiro Eu ressuscite, e o verdadeiro Eu é Cristo.

Assim, o sonho desvela-se como um chamado do Senhor para a morte desse pequeno e efêmero “eu” ou falso “ego” para que haja a ressurreição do verdadeiro “Eu”, para que enfim se possa contemplar a Verdade. Em hebraico, ao ocultarmos a primeira letra de “Verdade” (emet) a palavra passa a significar “morte” (met). Mas como morrer? Como negar a si mesmo? A chave está no grande segredo “Tornamo-nos naquilo em que meditamos”. Somente ao meditar incessantemente no Senhor é que podemos nos tornar como o Senhor. Como é dito: “Orai sem cessar” (1 Tessalonicenses 5:17), portanto oremos sem cessar, neguemos a nós mesmos e crucifiquemo-nos com

Cristo para que possamos enfim ressuscitar. Como alguém vivo poderia comer o fruto da árvore da vida e viver para sempre sem antes morrer? Uma vez disse o teólogo Meister Eckhart, “O reino do Céu não é para ninguém além dos completamente mortos”. Ser realmente quem nascemos para Ser, Ser em Cristo, ou “Não é verdade que ‘toda a Escritura clama pela liberdade do Eu’? ”

Ian Birnbaum

Citações circunstanciais: Ananda Coomaraswamy, “O Sentido da Morte”.